

«Sinistro.»  
*Sunday Mirror*

«Arrepiante.»  
*Sunday Times*

Um hotel isolado.  
Uma mulher desesperada.  
Uma ilha da qual não é possível escapar...

# A HORA DA MORTE

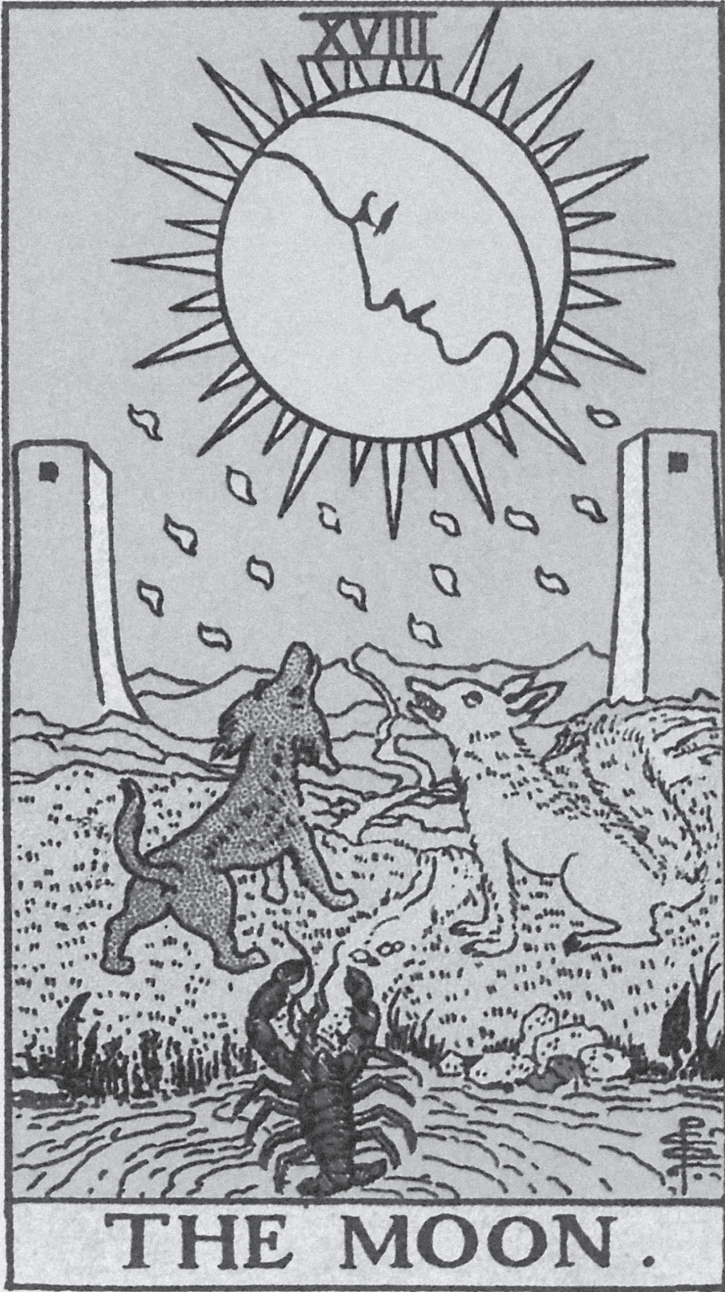


TOP  
SEL  
LER

S. K. TREMAYNE

AUTOR DO BESTSELLER AS GÊMEAS DO GELO

*Para a Star, ainda*



THE MOON.

## Hannah, Agora

*Água. Só água.*

*Mais nada.*

*Deixa-te de coisas, tens de superar isto.*

Ao dizê-lo a mim mesma, enquanto fixo as trevas do teto pintado de branco, consigo ouvir outra voz na minha cabeça. *Só água? Só?*

A água é *tudo*. A água é o meu corpo, a água é o ventre e a água era o sonho. Cresci a olhar para a água, o rio que conduz ao mar; era uma menina que ansiava viajar pelo mundo e cruzar os oceanos.

Só água? Procuramo-la todos os dias, para nos lavarmos, para beber, cozinhar; mergulhamos nela, nadamos nela, corremos para ela, sonhamos viver junto dela.

*Afundamo-nos nela...*

*Viro-me sobre a almofada, fechando os olhos com força.*

Navegamos nela, brincamos nela, chapinhamos, gotejamos, esguichamos, puxamos o autoclismo, aspergimos. O sexo é essencialmente água: a humidade, o molhado, gotas de suor na pele excitada, um beijo lânguido e molhado a secar na bochecha.

*Levanta-te, Hannyzix.*

Abro os olhos e consulto os simpáticos e brilhantes dígitos verdes do meu pequeno relógio: 5h36.

Continuo a acordar a esta hora desumana *porquê?* Tornou-se a Hora do Despertar. Entre as 5 horas e as 6 horas, na maioria dos dias, desde que AQUILO aconteceu. Por vezes, se ficar muito quieta e fechar os olhos com força e me mumificar no edredão, banindo os pensamentos desagradáveis, consigo voltar a uma espécie de sono,

que depois se transforma num espalhafatoso desfile de sonhos, como um circo indesejado a chegar à cidade: um cortejo de palhaços zombies, acrobatas a despencar lá do alto, aberrações cambaleantes, elefantes tonitruantes, eu.

Muitas vezes fico aqui deitada a pensar que mais valia deixar-me de coisas e levantar-me, já que provavelmente não vou conseguir voltar a adormecer; sabendo, no entanto, que, se me levantar, esse que é o meu melhor momento, quando a minha mente está mais fértil, será gasto comigo sentada, de olhos abertos, com o cérebro infrutiferamente às voltas: a arquivar memórias que depressa volto a recuperar. E então, uma hora depois, o grande edifício começará a ganhar vida à minha volta: um *sous-chef* a assobiar, o barulho das cozinhas, camareiras diligentes a rirem baixinho, o cheiro do bacon nos primeiros pequenos-almoços, e provavelmente chegará também aos meus ouvidos o vigoroso sexo matinal dos hóspedes do Quarto 14, e então sei que terei mesmo de me *levantar*.

Duche, de água. Fazer chá, com água. Beber café, feito com o mínimo de água possível. Curto e forte, porque vou precisar de todos os cafés do mundo no escritório principal, por cima da receção, para combater os bocejos, preço a pagar por me levantar tão cedo.

*Levanta-te.*

Desta vez, obedeço. Afasto o edredão para o lado e pondero ligar o candeeiro, mas decido não o fazer. Gosto do escuro. Esconde as coisas. Além disso, a escuridão não é completa: a lua está quase cheia e a sua frágil luz prateada derrama-se em torno das cortinas semifechadas – instrumentais para me esconder aquela vista perturbadora: o rio Blackwater.

Estico a mão em direção à porta, encontro o meu roupão azul, adorável, quente e fofo: não é, garantidamente, uma bruxa pendurada num gancho.

*Eis uma memória nítida, que regressa espontaneamente.*

Tenho 7 ou 8 anos e, ao acordar no meu pequeno quarto, olho para o meu longo casaco de inverno pendurado na porta; porém, na penumbra, o que vejo é uma bruxa de pescoço partido, enforcada como naquele livro sobre bruxas, e grito até a mamã entrar a correr e me abraçar, envolvendo-me como a água quente envolve o coral

macio. Acalma-me e segura-me contra ela, beija-me a testa, sinto o hálito de vinho da noite passada misturado com pasta de dentes de menta. Mas com tanto amor. Até hoje, o cheiro de vinho ligeiramente azedo pode significar amor, para mim.

Nas melhores noites, se o pai não estivesse em casa, a mãe diria, *OK, Hannyzix, puedes*, e eu levantava-me toda contente, as bruxas já esquecidas, e pegava no ursinho *Toffee* por um braço estropiado e acompanhava-a até à sua cama quente e ela deixava-me dormir a seu lado o resto de uma noite doce e perfeitamente desprovida de sonhos, o meu coração abrandando, os medos dissipados, respirando profunda e calmamente, como o mar no verão, e eu sentia o seu cheiro, esse perfume caseiro, sabonete caseiro, o cheiro da mamã.

O roupão envolve-me, aquece-me. Os meus pés descalços encontram os chinelos na penumbra iluminada pela lua. Consigo ver a chaleira e o bule... mas sou inevitavelmente atraída para a Vista Lá Fora. Vou fazê-lo. Vou olhar para o Blackwater.

É sempre assim. Há dias em que não suporto olhar para o Blackwater. Corro as cortinas durante 24 horas; escondo-me. Nos piores dias, afasto-me fisicamente da, digamos, famosa vista envidraçada sobre a baía no coração do hotel, enquanto atravesso o salão para ir tomar o pequeno-almoço. Quando o faço, sinto os hóspedes a olharem para mim: *Porque está ela a olhar assim para o lado?*

Noutros momentos, como hoje, rendo-me e fico a contemplá-lo. O meu inimigo. A minha vida. A minha casa. As minhas paredes. O caudaloso Blackwater, parcialmente mar, parcialmente rio, parcialmente salgado, parcialmente caixão. Quatro componentes de puro terror.

Abro rapidamente as cortinas, como se estivesse a arrancar um penso rápido. Lá está ele. O Blackwater não se foi embora. Passa majestosamente pelo hotel: um movimento deslizante, profundo e negro, de oeste para leste. O reflexo da lua de final de setembro é uma estrada prateada. O céu noturno não tem nuvens. As luzes laranja e escarlate de Goldhanger brilham, minúsculas e húmidas, na extremidade distante do negro.

Quero cheirá-lo. Tenho de o fazer. Caso contrário, posso voltar a sentir medo.

Esta é a terapia que me foi destinada: expor-me.

O meu quarto tem uma bonita janela de guilhotina, a condizer com o estilo *regency* do hotel. Para além de bonita, é velha e perra, custa a levantar; quando o consigo, porém, sou recompensada: a maré deve estar a subir, pois o ar traz um aroma esplêndido: doce, salgado e a ozono, e não a lodo e algas a fermentar. Respiro fundo e consigo ouvir os gritos incessantes das aves aquáticas na obscuridade que antecede a alvorada. Marrecos, tadornas, vira-pedras? Nunca sei ao certo. Há muitas espécies na ilha; cantam a maior parte do dia e muitas vezes toda a noite. Se olhar bem, consigo vê-las, talvez em alerta com o ruído da janela a abrir. Esvoaçam pela noite, como pequenos fantasmas assustados.

E o que é aquilo?

Está uma pequena, mas elegante lancha atracada no cais. Não a reconheço. Pode ser de qualquer um. A sobresselente do Freddy? Parece demasiado chique. Cara. De um hóspede, talvez? Alguns chegam de forma mais privada. Vejo frequentemente barcos, quando tenho a coragem de olhar para o Blackwater.

Os medos revolvem-se.

Eu consigo. Eu posso. Porque não? Agora mesmo? Saltar para dentro daquele pequeno barco, desamarrar a corda e partir. Porque chegará o dia, a hora, o momento, em que as marés impetuosas dentro da minha cabeça irão mudar. Disseram-me que iria acontecer, por isso, talvez este seja esse o momento: inesperado, mas desejado. A porta está a abrir-se.

Será agora?

AGORA.

Não posso desperdiçar esta sensação única de destemor súbito.

Vou roubar o barco, mas o que é que isso interessa? Devolvo-o do outro lado.

A sensação de esperança é quase insuportável.

Vestida. Pronta. Empurro a porta e espreito, como se estivesse a cometer um crime. E estou.

O corredor está silencioso, o detetor de fumo observa-me com o seu olho vermelho. Os hóspedes do Quarto 14 continuam em silêncio. As camareiras estão a dormir.

Não há nada nem ninguém que me impeça.

Avanço rapidamente pelo corredor e viro à esquerda. Não quero sair pela recepção, ainda que seja o caminho mais rápido. Posso ser vista. Já arranjei problemas que cheguem.

Viro outra vez à esquerda e chego à saída de emergência. Uma barra metálica de um lado ao outro. Sei que não está ligada a qualquer alarme. Basta-me simplesmente empurrá-la. E sei que para lá desta porta começa a íngreme praia de seixos; correr por ela abaixo, pisando ruidosamente os seixos com as botas, subir para o molhe, desamarrear o barco, ligar o motor e zarpar. Fugir da minha prisão.

Suando de excitação, de nervosismo, da impossibilidade de toda a situação, empurro a barra de metal e a porta abre-se com uma chandeira. E assim que piso os calhaus, acontece.

Claro. Eu sabia que aquilo iria acontecer. Quem queria eu enganar? Onde é que tinha a cabeça? Para quê isto tudo?

O medo gera medo. Os gansos-de-faces-negras grasnam, gozam. Vaíam a tonta que apareceu na praia, à noite, a mulher assustada que permanece totalmente imóvel sob o luar enquanto o seu cérebro fáisca em curto-circuito, como os cabos elétricos da ala leste, aquela que ainda não está acabada.

Primeiro, a minha garganta estreita-se, como se alguém estivesse a estrangular-me. O que é que a terapeuta me disse? A palavra «ansiedade» vem do latim *angere*: estrangular.

Agora, a horrível vertigem, água no meu cérebro, visão desfocada: às vezes, fico cega. A seguir, sinto os tambores do coração a bater — *tum anegre tum* —, uma cadência dolorosa, zangada, perigosa. E sei que isto pode ficar mau: por vezes, tão mau que desmaio. Li que pode até matar-me — é raro, mas acontece —, a taquicardia extrema, um pânico tão intenso que se morre. E só de pensar nisso, fico ainda pior.

O medo gera medo que gera medo. O meu coração está a doer, é insuportável. É assustadoramente doloroso. Como se me fosse rebentar no peito.

Retirar, retirar. Recuo rapidamente para dentro do edifício, a tremer, virando as costas ao rio. Hoje não volto a olhar para ele.

A porta fecha-se e o silêncio aprisiona-me. Derrotada. Como sempre.



Envergonhada com a minha cobardia, encosto-me à parede e deslizo para o chão.

O meu coração está a abrandar, o pânico, a dissipar-se — agora vem a tristeza. As lágrimas rolam. Água quente e salgada. Porque é que produzimos água quente e salgada quando estamos tristes?

É só água. E eu estou a produzir muita água. Escorre-me queixo abaixo e percorre-me os dedos pálidos.

*Oh, Hannah, pequena Hannyzix, não consegues ultrapassar isto.*

As minhas calças de ganga estão limpas, as lágrimas estão secas, a camisa impecavelmente branca está passada a ferro, e a minha camisola de caxemira cor-de-rosa traz o toque de requinte necessário a alguém que trabalha, mesmo que nos bastidores, num hotel de luxo. Não tenho de me vestir como o Leon, o *concierge*, ou o Alistair, o gerente, mas ainda assim espera-se de mim que pareça «respeitável» quando passo nas áreas comuns.

Não se espera de mim que vá para a praia ao amanhecer para roubar barcos. Isso não é «respeitável»; tampouco é desejável que me atire para o chão a soluçar de pânico e tristeza, no exato momento em que Elena, a camareira polaca, desce pelo corredor com fronhas limpas.

Felizmente, consegui rastejar de volta para as sombras sem ser vista.

Agora a Elena *está* aqui: acena-me enquanto eu me dirijo para a receção. Empurra o seu carrinho cheio de esfregonas, panos, kits de limpeza e sabonetes chiques, saquetas de chá, pequenos frascos de champô, cápsulas de café. A Elena é muito apreciada pela gerência: consegue arrumar um quarto, na perfeição, em 18 minutos.

— Bom dia! — digo jovialmente, fingindo cada sílaba de alegria. A Elena sorri-me de esguelha. De seguida, gesticula, como se tivesse um segredo delicioso.

— Os hóspedes do Quarto 14. Meu Deus, Hannah!

— Foi desta que partiram a cama?

Ela inclina-se para mim, mas vemos o Owen, o jovem *sous-chef* de bochechas coradas, a abotoar a sua jaleca branca a caminho da

cozinha. Não podemos mexerica em público sobre os hóspedes; afastamo-nos, com ar de culpa.

— Até logo, Elena! — digo eu.

Ela sorri de volta e continuamos com a nossa vida. A minha leva-me pelo corredor até à receção. Digo olá à Danielle — nascida na zona, cabelo pintado de loiro, bonita, muita maquilhagem, na casa dos 30 anos, esperta, cordial, mas sempre um pouco distante. Anda muito provavelmente a ir para a cama com Logan Mackinlay, o *Mackster*, o nosso genial *chef*. Ou andavam enrolados e a coisa acabou? Há sempre um mexerico ou outro sobre o pessoal; alguns chegam-me aos ouvidos.

A Danielle está a consultar o LIVRO.

Desde o dia da reabertura que o Stanhope mantém um imponente Livro de Visitas. Um clássico. Fizemo-lo deliberadamente, evocando a época de ouro do Stanhope. A ideia foi minha.

Poderíamos ter usado *tablets* e assinaturas eletrónicas, como os outros fazem, mas optámos pelo respeitável livro de registo, encadernado a couro trabalhado, e comprámos uma elegantes *Visconti* de tinta permanente para acompanhar. Isto diz ao novo hóspede que o hotel faz as coisas de forma diferente, luxuosa. Assine aqui, por favor. Insistimos que *todos* o assinem. Este livro é como a bíblia de família do Stanhope. Nunca mente e contém toda a verdade.

Sempre que vejo o Livro a ser usado, sinto uma ponta de orgulho. Ideia minha.

Subo agora a grandiosa escadaria circular, uma das glórias deste edifício histórico; no final do ano passado foi restaurada com papel de parede às riscas azuis e brancas, ao estilo *regency*, e foram pendurados quadros originais de cenas da costa de East Anglia, barcos de velas vermelhas no rio Stour, homens a recolherem ostras no Mersea.

Quando subo aquela escadaria, sem exceção, o meu ego recebe outro pequeno reforço: fui eu quem ajudou a equipa de designers a encontrar o papel de parede certo: queria que refletisse o céu, o ar e a água. Foi o Oliver quem arranjou os quadros e desenhos; provavelmente já os tinha pendurados numa das suas muitas casas.

Entro no escritório. É um *open space* bastante moderno, mas, ainda assim, elegante.

A Loz já está à secretária, absorta no ecrã. Subgerente, 43 anos. Divorciada. Engraçada. Cabelo escuro. Com uma costela italiana. Sardónica. *Vaper* falhada, reconvertida aos cigarros. Loz Devivo. Quando aqui cheguei — parece que foi há tanto tempo, mas foi há menos de dois anos — perguntei-lhe de onde vinha o nome invulgar. «Querida», disse ela, «fui batizada Lola Devivo. Consegues imaginar viver com esse nome, Lola Devivo? Com toda a gente a partir imediatamente do princípio de que és uma trabalhadora sexual? E Lolly Devivo dava a ideia de que sou uma trabalhadora sexual, mas com uma minissaia à colegial. Assim sendo, escolhi Loz.»

Loz está em silêncio — cumprimenta-me de forma amável e distraída com um olá e volta a embrenhar-se no trabalho.

Sento-me numa das cadeiras de escritório de mil libras do Oliver e ligo o ecrã. Uma grande imagem do deserto do Atacama, branco e salgado, preenche o retângulo: a imagem de fundo do meu computador. Aí não há água. Nem uma gota. É, literalmente, o lugar mais seco da Terra: Yungay, Chile. Com um clique, acedo ao site que também concebi quando aqui cheguei.

Era uma das minhas principais tarefas, enquanto gerente de marca, recrutada e promovida desde a minha posição original de relações públicas nas Maldivas. Construir uma marca. Criar um site todo estiloso. Trazer o glamour de volta ao Stanhope. Foi o que o Oliver me disse, com uma urgência apaixonada e o seu belo rosto iluminado pelo olhar entusiasmado.

E assim o fiz. A minha primeira grande tarefa foi mudar o nome do lugar. Durante anos, o hotel fora conhecido como o Hotel Stanhope Gardens Island. Senti que era um nome simultaneamente longo, entediante e enganador. Não há jardins grandiosos, apenas pequenos relvados e recantos: a ilha é demasiado pequena e, seja como for, 98 % da sua área é composto por floresta primordial antiga, ultraprotégida, de propriedade pública, um local de grande interesse científico, cheio de antigas árvores sagradas e pássaros e mamíferos raros. Esquilos vermelhos, arganazes, lebres, martas. Temos muito orgulho das nossas martas.

Não temos assim tanto orgulho dos nossos jardins, que são meramente agradáveis. Por isso, librei-me dos «Gardens» e encurtei

o nome para Stanhope. E assim que o fiz, soube que tinha acertado em cheio. O STANHOPE. Capturava a história e transmitia uma ideia de luxo, sem ser pomposo. Quando o propus ao Oliver, os seus olhos verde-acinzentados iluminaram-se. Sim!

Recostada na cadeira, navego pelo site. Continuo a orgulhar-me dele. Foram meses de elaboradas sessões fotográficas. Garrafas de vinho artisticamente dispostas junto das janelas do salão. A luz do sol a brilhar através do esplêndido líquido rubi. Iates de velas brancas visíveis do outro lado da janela. Só essa fotografia demorou dois dias a ficar exatamente como queríamos, até se chegar à sensação pretendida de luxo discreto e natural, sem ostentação. Depois de começarmos a campanha de marketing — site, anúncios, estadias de charme para jornalistas —, as reservas duplicaram num mês, e depois voltaram a duplicar. O Oliver comprou champagne para todos.

Clique. Outra fotografia. No exterior. O rio azul e benigno. Ostras brilhando na sua meia concha sobre uma mesa iluminada pelo sol, com *mignonette* de chalotas ao lado. Uma jovem encantadora com um vestido fresco e uma sombrinha na mão; lembro-me de que ela tremia de frio. Era outono e fartava-se de reclamar com o fotógrafo: *Despachate lá com a merda das fotos, palhaço!*

Outra fotografia. O cais. Freddy Nix, o barqueiro. Esta fotografia é para mostrar que o Stanhope é verdadeiramente especial: sequestrado — em seis anos de relações públicas hoteleiras aprende-se que os turistas adoram a palavra «sequestrado» — na sua própria ilha, com veados ladradores entre as aveleiras. O derradeiro refúgio inglês.

Franzo as sobrancelhas e inclino-me para o ecrã. Salta-me à vista um barco na foto. Será a pequena lancha que vi hoje de manhã? Talvez. É difícil saber ao certo.

Sinto uma pontada de desconforto, mais do que o habitual, na ponta dos dedos. Ao levantar os olhos do ecrã, quero perguntar a Loz se ela viu o barco ou se conhece alguém que tenha uma lancha rápida preta. Mas ela já lá não está. Não a ouvi sair. Estava demasiado concentrada. Deve ser hora de almoço. O meu telefone dá sinal. Mensagem. O Sr. Noivo Rabugento. O Ben!

**Han, meu amor, está feito**

Digito a resposta a sorrir. O meu homem. O homem que amo. O meu *chef* de *gastropub* com as suas tatuagens sensuais. Uma simples mensagem diz-me: a vida não é assim tão má. Tenho-o a *ele*, logo à cabeça.

Fizeste o quê? Explodiste com o *pub*? Eu avisei-te sobre as painelas de pressão

**Ahahah, cheia de piada. Não, fizemos um serviço de almoço completo, pela primeira vez, 30 refeições, zero cancelamentos. O Kev diz que podemos recusar entrada aos viciados do jogo!!**

O meu sorriso alarga-se. Ele está clara e sinceramente entusiasmado, e tem razão para isso: estar à frente de um *gastropub* é mais difícil do que a maioria das pessoas possa pensar, talvez por haver tão poucos.

Uau! Querido. Estou TÃO orgulhosa de ti! Se estivesse aí, podíamos afogar-nos em champanhe. Tu mereces isto. Trabalhaste tanto. Tens de celebrar 🍷🍷

Pausa. *A escrever...*

**Vamos. Um copo no Stannie amanhã? E vais mesmo sair dessa maldita ilha. Nem que eu te leve AO COLO, se tiver de ser!**

Oooh. Que másculo. Gosto. Sim, por favor, amanhã 👍

**OK, tenho de ir, está de loucos aqui, mas estou a adorar. Beijos**

Fica offline. Pouso o telemóvel e estico as pernas, ainda sorridente. O Ben acredita em mim. Talvez esteja certo ao acreditar em mim? Gosto bastante da ideia de ele me levar literalmente ao colo sobre a água. Uma jovem noiva a ser levada ao colo para dentro do quarto.

Levanto-me, atravesso o escritório até às janelas e aproveito a boa energia para me dizer a mim própria para desfrutar da grandiosa vista sobre o Blackwater. Pensar de forma positiva.

Olho lá para fora. A pequena lancha preta já não está no cais. Chegou na escuridão e na escuridão partiu. Atravessou o Blackwater. Bem, não é assim tão estranho. Temos hóspedes *muito* ricos que estão habituados a fazer o que bem entendem.

### 3

Acabou-se o espumante inglês; a garrafa jaz no chão. Devemos tê-la derrubado na nossa paixão. Os copos de pé alto estão vazios; um está derrubado. O meu coração ainda está a bater descompassadamente do sexo. De uma forma agradável.

O Ben está a sair da cama e a vestir-se: pernas de jogador de rãguebi em calças de ganga escuras, braços musculados a enfiarem-se nas mangas de camisa brancas. Gostaria de ficar deitada a admirar a cena, mas também me quero despedir dele no ferry: cada momento da sua companhia é precioso. No meu isolamento.

— Tem calma. Quero ir até ao cais contigo.

Ele olha para mim, abotoando a camisa.

— Sabes que não tens de vir, não sabes?

Fito-o, séria.

— Tenho sim. Não sabes as saudades que tenho de ti.

O seu belo rosto suaviza-se numa bondade infantil, fazendo-o parecer mais da minha idade, 28 anos, do que da sua, 34. Inclina-se e beija-me — suave, terno, muito mais suavemente do que os beijos de há meia hora. Depois olha para o quarto, para a garrafa, copos, lençóis da cama enrolados por todo o lado.

— Parece que caiu aqui uma bomba.

— Ben, menos. Uma pequena granada.

Ele ri-se jovialmente, enquanto reúno rapidamente a minha roupa. Olha para mim e diz:

— Vá lá então, mulher. Despacha-te.



Visto-me obedientemente, até ficar de casaco e botas — embora a temperatura esteja amena. Vamos pelo corredor de braço dado, passamos a recepção e atravessamos os seixos até ao cais; o ferry vermelho brilhante não está longe — peita as ondas modestas do Blackwater, saltitante e alegre. Como um barco de um livro infantil. Daqueles que talvez fale com comboios.

A minha cabeça descansa no ombro firme do Ben. Ainda me sinto pós-coital, um pouco sonhadora. Crepuscular. O Ben está em silêncio. Levanto os olhos para ele.

— Estás bem?

Ele está a olhar pensativamente para a ilha, para a parte não utilizada do hotel, a ala leste, os quartos vazios. Ou talvez para o bosque escuro que começa logo a seguir. Ou então está simplesmente a olhar para o nada, apenas a pensar, a recordar. O Ben tem momentos de tristeza aleatórios. Perdeu a mãe ainda novo, como eu: foi uma das coisas que nos uniu desde o início.

— Ben?

Ele acorda.

— Ah, desculpa, Han. Coisas do *pub*. Encomendas. IVA. Coisas assim.

Aperto-lhe a mão forte de *chef*.

— Estou orgulhosa de ti, do que alcançaste. Estavam todos tão cétricos e olha.

— Obrigado, mas... ainda há um longo caminho a percorrer. — Olha para o lado. — O ferry chegou. Tenho de voltar antes que o Charlie se aventure a fazer um rolo. Continuamos com imensas reservas hoje à noite!

Ele sorri, eu sorrio, dizemos adeus e ele vai-se embora. Salta do cais para o ferry praticamente vazio. Durante alguns momentos, fico a ver o barco afastar-se e virar, dirigindo-se para o continente, já que eu não posso.

O meu estado de espírito ensombrece instantaneamente. Estou *sinceramente* orgulhosa do meu noivo. O homem que amo está a alcançar grandes feitos. Já é *chef* no seu *pub* há algum tempo, mas só tomou conta daquilo há algumas semanas. Por isso, este sucesso súbito é maravilhoso.

Mas e se as coisas correrem demasiado bem? E se aquilo o consumir totalmente? Nesse caso, terá ainda menos tempo para vir aqui e ver-me.

Se assim for, o meu confinamento solitário irá intensificar-se.

— Onde estás, Han?

— Adivinha.

Consigo distinguir o zumbido de um restaurante londrino ou de um bar como pano de fundo do silêncio da Kat. São 15 horas. Então aquilo é o quê, um almoço tardio, está na farra desde ontem e não se deitou, uma saída de copos precoce?

— OK. Vou adivinhar... — diz, arrastando a voz.

O barulho do bar esmorece brevemente e imagino-a a tomar a sua bebida. A misturar o gelo com o pauzinho do cocktail. A pescar uma azeitona lá de dentro. E diz:

— Já sei! Estás em Buenos Aires. Naquele restaurante famoso a que fomos no nosso ano sabático, junto ao mar. Cabaña Las Lilas! Lembra-te? Voltaste lá! Boa! Não, alto lá, espera, não podes ter lá voltado; saímos de fininho sem pagar. Foi ideia minha, não foi? Desculpix, manex.

Rio-me enquanto caminho por uma das veredas estreitas que cruzam os bosques de Dawzy. As pegas crocitam nos carvalhos e os galhos estalam sob as minhas botas de caminhada. Pensa-se que a ilha recebeu o seu nome, há vários séculos, por causa deles: os corvos, pegas e gralhas. Há tantos pássaros no bosque como há lá fora no sopal. Pássaros por todo o lado. Pássaros a discutir nos ramos ou a peneirar a lama, ou em voos rasantes sobre as ondas. A observar-nos. A observarem-me.

Está alguém a observar-me?

Viro-me, alerta, e espreito através dos abrunheiros: esta vereda oriental é solitária.

Nada. A paranoia é outro sintoma da minha síndrome. Tenho de a controlar. A minha irmã reclama-me:

— Han?

— Isso não funciona.

— O quê?

— A combinação de «desculpix» com «manex».

— OK, OK. Prometo que vou tentar fazer melhor, Robinsonex Crusoex. Hã? Outro martíni? Porque não? Obrigado. Acho que seis é a conta. Sim.

Não faço ideia de com quem ela está a falar. Provavelmente, outro namorado ricalhaço. Tem tantos. Brinca com eles e eles parecem gostar. Estou contente por ela também estar a falar comigo, entre bebidas. Sinto muito a falta da minha irmã: um dos piores aspetos de ser Robinsonex Crusoex é que estou fisicamente distante dela, a pessoa que, a par do Ben, me é mais próxima, na minha vida, no meu mundo, no meu tudo.

Já éramos chegadas em miúdas: nascemos com cerca de um ano de diferença e somos muito parecidas, praticamente gémeas. Só que a Kat sempre foi *muito* mais bonita e esperta do que eu. É como se eu fosse a versão beta, o protótipo, e ela, a alfa, o produto acabado.

Tem umas maçãs do rosto decorosamente inclinadas; as minhas são vulgares. Ela tem um nariz de botão perfeitamente empinado; o meu tem um minúsculo e irritante alto. Ela tem um cabelo loiro exuberante; o meu fica normal se eu me esforçar muito.

Quando éramos crianças, todos diziam que éramos bonitas. Quando crescemos, eu continuei apenas isso: «bonita», «bonitinha». Entretanto, a minha adorada e mimada irmã mais nova Katalina Langley, Kattyzix, KattyKat, Kat, leitora de cartas de *tarot*, observadora de estrelas, espirituosa, perdedora de carteiras, superdivertida, multilingue, utilizadora de microminissaias, esquecedora de roupa interior, tocadora de *ukulele*, ultradisprática, fumadora de erva, cantora de baladas francesas, intérprete de runas, estrela escolar rebelde da St. Osyth Comprehensive, em Maldon, era — e é — *linda*.

Era o que os rapazes me diziam nas festas, quando éramos adolescentes. Aproximavam-se de mim com um copo na mão, como se prestes a meterem conversa comigo, e depois bebiam a sua cerveja

cheio de melancolia e olhavam para o meio da sala efervescente, onde a Kat estava com os seus minúsculos calções de ganga ou a sua pequena e «irónica» saia de *cheerleader* vermelha, inevitavelmente rodeada por um bando de rapazes a competir pela sua atenção como cachorros, e os rapazes melancólicos com as cervejas na mão suspiravam e inclinavam-se para mim e diziam-me: «Sabes, a tua irmã é mesmo *linda*».

Depois olhavam de mau humor para as suas cervejas e, de vez em quando, os mais educados apressavam-se a acrescentar: «Oh, desculpa... tu também és... és muito linda...».

Por vezes, beijava esses rapazes mentirosos; ocasionalmente até dormia com eles: migalhas insignificantes, varridas da mesa da Kat.

Não me importava. Não me importo. *Nunca me importo*. A Kat é a Kat e eu adoro-a, e ela devolve-me todo o meu amor. Fazemos tudo juntas. Melhores amigas, irmãs, almas gémeas, por vezes até mais do que isso. Foi a Kat, aí com uns 6 anos, que decidiu por brincadeira começar a juntar às palavras terminações como «ex» e «ix», ou «zex» e «zix». Uma espécie de língua dos Pês privada, mas ainda mais tonta. A mãe e o pai aprenderam um pouco, mas na realidade era a nossa língua secreta entre irmãs, as duas únicas falantes no mundo, e por vezes fazia-nos rir durante horas com as melhores: as mais estúpidas e mais elaboradamente inúteis.

*Desculpix, manex.*

Nem é assim tão mau.

— Kat? — Mais barulhos de bar. — Kat, fala comigo. Estou presa na porcaria de uma ilha.

— Desculpa, Han. Estava aqui a tentar mostrar a este barman como se faz um *dirty martini*. Mas ele confundiu-se todo e usou *bitters*. Acho que já acabei por aqui. Quero ir para casa tricotar camisolinhas para cães. Cães cegos. Cães cegos para guias. Que ideia brilhante para uma instituição de caridade. Ou gatos, a dançar sobre as patas traseiras. Um gato com uma cara como a Jane Witham. Lembras-te? Ahah! Estás bem?

— Sim, estou bem.

— Tens a certeza, queridix?

— Sim, não é fácil, mas sim. Estou a aguentar-me.

— OK, OK. Prometo ir visitar-te assim que puder. — Outra pausa, risos que me causam inveja e eis que ela está de volta. — Como está o Ben? Como está o Sr. Noivo Rabugento?

— Está bem. Frenético. O *pub* está a ir muito bem.

Senti uma ponta de autocomiseração na minha voz. A solidão a vir à tona. Luto para a reprimir, andando mais depressa. O bosque abre-se para mais uma praia íngreme de calhaus rolados. Lembro-me, pela 19.<sup>a</sup> vez hoje, que estou presa numa ilha. O enorme céu costeiro de Essex está de um azul pálido, mas animado com uma regata de rápidas nuvens tocadas a um vento quente e forte. Bom para fazer desporto.

Deve estar maré vaza: ali, onde os calhaus acabam, dá para ver pegadas das aves aquáticas — avocetas, ostraceiros? — na lama bege-acinzentada deixada pelo recuo da maré. As pegadas são tão delicadas. Os caracteres japoneses repetem-se num longo, triste e encantador padrão curvo.

A Kat voltou a ficar completamente muda. Mas já não consigo ouvir o barulho do bar. Onde é que ela está agora?

— Mana?

— Já saí. Uber. Tenho uma sessão de *tarot* mais logo. Depois Deliveroo<sup>1</sup>. Masturbação. Cama. Bebi demais.

— Nem 4 da tarde são!

— Eu sei. Céus, eu sei. Serei uma alcoólix?

— Possivelmentex.

Soltamos uma risada simultânea e depois... paro. A pergunta volta a pairar. Porque é que a Kat continua a adiar a sua prometida visita a Dawzy? Eu sei que ela anda *super ocupadex* em Londres, lendo cartas de *tarot* a troco de dinheiro, almoçando com homens de negócios impotentemente apaixonados que lhe compram toda a sua requintada lingerie, voluntariando-se um dia por semana no centro de acolhimento dos sem-abrigo, aqui e ali fazendo o seu espetáculo de burlesco cómico — ela transformou a sua dispraxia numa forma de arte erótica: caindo ao dançar num varão, perdendo acidentalmente o sutiã —, mas ainda assim, ela não é propriamente uma cirurgiã

---

<sup>1</sup> Empresa britânica de entregas rápidas de comida. [N. T.]

cardíaca muito requisitada, tem bastante tempo livre e pode escolher os dias em que trabalha, ou as semanas em que manda tudo às malvas e vai *novamente* para Kerala.

Contudo, ela não vem até cá, não se mete no ferry do Freddy Nix. Estou a menos de duas horas de Londres. E, apesar disso, irmã nem vê-la.

Assalta-me um pensamento. Um pensamento triste e terrível. Tenho a certeza que estou certa.

— Kat, diz-me a verdadeira razão pela qual não vens aqui. — Silêncio. Ouço a porta de um carro a bater. — Kat. Diz-me.

Ela deixa sair um longo e forte suspiro.

— Han, querida... Eu...

— É por causa do que aconteceu, naquela noite? É, não é?

Um silêncio curto e mais cortante.

— Claro que é, Han! *Assombra-me*. Tenho *pesadelos*. Sei que é muito pior para ti, mas... Céus, foi tão horrível. Foi culpa minha. Fui eu que comecei. Tomar banho nua? À meia-noite? Bela ideia, Kattyzix, simplesmente brilhante. Kat, sua grandessíssima idiota. Porque sou tão idiota? Lamento tanto.

— A culpa não foi tua! Estavam todos bêbedos.

— Não. Não me arranjes desculpas. Céus.

— Kat?

— Caramba, estou a chorar. Tenho tantas saudades tuas, Han. Estou bêbeda e triste e o motorista está preocupado comigo, não para de olhar pelo espelho. — Ela ri-se apesar das lágrimas. — É melhor desligar antes que ele venha cá para trás para me consolar. Porque é que me querem sempre consolar? Adeus, querida. Minha delicada e querida ativista da minha causa! Adeus! Eu vou, prometo que vou. Amo-te. Vou MESMO.

A chamada termina e eu guardo o telefone no bolso. Fico a observar um círculo cinzento e branco de aves marinhas a sobrevoar o salgado Blackwater mesmo à minha frente. Graciosas e livres.

A culpa lateja enquanto pondero as palavras da Kat. Porque a culpa *não foi* realmente da Kat, não totalmente, não naquela noite. Eu devia ter feito alguma coisa. Afinal, sempre fui a responsável, a irmã mais velha, a que terminou a licenciatura e seguiu uma carreira a sério.

Além disso, naquela noite, eu era literalmente a Responsável, um membro do pessoal — e não os impedi.

Pior do que isso, até fui para a água com eles: ávida, alegre e entusiasmaticamente. Coisa que nunca admiti devidamente. Nem sequer durante as investigações, quando tive de prestar depoimento por videoconferência a um tribunal em Colchester. Limitei-me a dizer ao tribunal que estava preocupada, e por isso os seguira.

Era mentira. Tive de mentir. Sou uma mentirosa.



A noite cai, claramente mais cedo do que da última vez que verifiquei. O meu quarto escurece; ainda tenho de ligar as luzes, um ato patético de resistência contra os exércitos invasores do outono.

Como será o inverno?

Tento não pensar nisso. Olho fixamente para a janela. Esta noite vou correr as cortinas e velar o meu carcereiro. Tenho de o fazer. Que se lixe a terapia de exposição. Há limites.

Por isso, vou até à janela. E... não corro as cortinas. Contemplo e anseio.

A noite outonal é tristemente bela. Uma névoa ténue desliza através do Blackwater, até Bradwell-on-Sea, como se fosse a alma longa e esguia do rio moribundo, suspensa sobre ele.

Lá no alto as primeiras estrelas brilham luminosamente através da neblina do estuário, quais diamantes sobre veludo azul. Vénus? Júpiter? A Kat saberia.

Semicerrando os olhos para ver melhor na escuridão, vejo que o Freddy Nix está de novo a carregar o ferry no cais. Alguns têm malas grandes: hóspedes de partida. Bastantes. Outros descem os degraus para o grande barco vermelho com pouca ou nenhuma bagagem: funcionários do hotel. O Freddy sorri alegremente a todos. É um belo homem e ninguém lhe dá os seus quase 50 anos. Toda a gente gosta dele e é calorosamente saudado em praticamente todos os *pubs* do estuário, desde Jaywick até Heybridge. Vive em Goldhanger com a namorada de 25 anos. A mais recente. Georgia Quigley. Trabalha para a Mersea Oysters. Entrega peixe ao Mackster.

Cerca de metade do pessoal do Stanhope atravessa diariamente o rio no barco do Freddy. Quase todos os outros têm quartos aqui, mas vão ao continente nos fins de semana e nas férias. A gerência vai e vem quando lhe apetece.

Apenas uma pessoa fica aqui sempre. Robinsonex Crusoex. Eu. Encalhada com as doninhas e as corujas. Em breve tornar-se-ão as minhas únicas e verdadeiras amigas. E eu sentar-me-ei no bosque, murmurando-lhes encantamentos. Em comunhão com os teixos.

Basta. *Não posso* passar mais uma noite no meu quarto, a ler passivamente livros escolhidos fundamentalmente pela sua grossura ou a interagir de forma apática nas redes sociais, a roer-me de inveja de todos os que têm uma vida.

E se telefonasse ao Ben em Maldon? Negativo, não o vou fazer. O meu noivo deve estar até às orelhas em molhos e mexilhões: gerir o seu *gastropub* de apenas três homens não permite videochamadas de lazer às 7 horas da tarde.

Seja: vou beber alguma coisa no Spinnaker, o bar mais descontraído do hotel. O pessoal pode beber no Mainsail — o restaurante —, mas na verdade é mais para os hóspedes e para refeições.

Troco de roupa — um bonito pulôver, sapatos decentes — e saio.

O bar fica no centro do hotel, perto da receção, do lado oposto ao restaurante: é um espaço elegante, arejado e luminoso, com vista para a pequena esplanada com mesas de madeira pentagonais, abrigadas por aquecedores de exterior. Há fotos de iates famosos penduradas em todas as paredes do Spinnaker. Enormes e aristocráticas embarcações dos anos 20. Alguns daqueles barcos certamente vinham aqui por causa dos famosos cocktails, nos tempos da primeira encarnação do Stanhope enquanto palácio de prazer.

Esta noite o Spinnaker está animado, mas nem por sombras à pinha. Tudo bem. Não quero uma farra. Provavelmente nunca mais vou querer farras. Procuro um lugar para me sentar a tomar uma bebida e olho através das janelas para as mesas, a piscina e o muro exterior constituído pelo bosque escuro. Não há ninguém na esplanada, os aquecedores nem foram ligados. Está completamente vazia.

Puxando um banco no bar, sorrio para o Eddie, o barman.

— Tudo bem, Eddie?

Ele sorri calorosamente. Um tipo simpático, o Eddie. Australiano. Muito bonito. Acho que anda enroscado com uma camareira. Todos dormem com todos. Os hotéis grandes e isolados são sempre assim. Nas Maldivas, podíamos escolher entre duas atividades alternativas: *snorkel* (que era fabuloso) ou sexo com outro funcionário (de qualidade variável).

— Boa noite. Vai ser o costume, Hannah?

— Olaré.

Não sei de onde é que isto veio. Olaré? A sério? O mais certo é ser uma expressão antiga do meu pai. O Eddie parece não reparar na resposta estranha. Está a trabalhar. Observo. É sempre interessante ver um especialista empenhado numa tarefa de que gosta. Primeiro serve uma dose generosa de *Mistley*, um gin de qualidade reconhecida, seguida de uma pá de prata cheia de gelo picado para uma grande tigela de vidro. Depois adiciona habilmente laranja em conserva, bagas de zimbro, cardamomo e o seu toque especial: malagueta. Termina com a espuma generosa de *Framlingham Tonic*.

O Eddie leva a sério a sua confeção de bebidas. E eu levo a sério o meu consumo de álcool. É a minha escapatória solitária, o meu ferryboat pessoal para Goldhanger. Sou a única que não dorme com alguém: nem sequer com o meu noivo, visto que as suas visitas são cada vez menos frequentes.

Levanto a bebida e inspiro o formigueiro da efervescência, saboreando o prazer da antecipação. O Eddie faz uns gins tónicos fabulosos.

— Vai cá ficar muito tempo?

Era o que me faltava... Um hóspede palrador. Por vezes, gosto de conversar com os hóspedes, mas hoje não é um desses dias. Só quero ficar sozinha e sossegada, num bar. Contudo, não posso ser indelicada.

Ensaio um sorriso profissional e viro-me para o tipo do banco ao lado. Anda pelos 40, casaco elegante, mocassins de veludo.

— Sim, vou cá ficar... bastante mais tempo. E o senhor?

Estende-me a mão.

— Ryan. Estou aqui com a minha esposa, Melissa, aniversário de casamento! Doze anos! Deus do céu! — Ri-se das suas palavras, como se o próprio facto de estar casado fosse uma piada. — Mas só por uma noite. Vamos jantar ao Mainsail. É tão bom como dizem?

— Sim — digo eu. — É mesmo.

Sim, o meu trabalho é promover o hotel, mas o restaurante não precisa de ser promovido. É mesmo muito bom. Quando comprou o Stanhope, o Oliver sabia que precisava de um excelente restaurante com um excelente *chef*. O hotel tem um ginásio simpático, um pequeno spa, uma elegante piscina aquecida, mas não passa disso. A menos que se goste de velejar, observar pássaros, caminhar pela praia ou ouvir lendas sobre donzelas raptadas por contrabandistas piratas — ou lidar com o Leon, o nosso imponente e impaciente *concierge* suíço-alemão com os seus extraordinários relógios de pulso —, não há muitas razões para se vir aqui, especialmente na época baixa, quando a piscina está fechada e está demasiado frio para se velejar. Por isso, o Oliver decidiu oferecer a melhor comida e bebida num raio de trinta milhas.

Aprofundo o tema. Brilhantemente.

— Ainda não ouviu falar do *chef*? Logan Mackinlay. Escocês, recrutado ao Connaught, em Londres. Dizem que receberá a sua primeira estrela Michelin no mês que vem. Não que ele se importe muito com isso: não se deixa afetar pelo que os outros pensam, é um verdadeiro génio.

Ryan reluz de satisfação.

— Parece-me bem. Eu não sou grande apreciador, mas a minha esposa adora boa comida. Desde que ela fique feliz! — Encolhe os ombros de satisfação. — Na verdade, ela é que se decidiu por este destino; trabalha na área da gestão hoteleira. Estamos a receber um desconto!

Sorri enquanto leva à boca o seu copo de champanhe. Conversamos sem rumo durante algum tempo, mas fundamentalmente de forma a garantir que eu saiba que ele se está a dar bem no setor imobiliário. Enquanto despacho o meu gin, penso no que me disse acerca da esposa. Melissa. Já ouvi o nome. O Oliver mencionou-o. Da parte financeira, talvez ligada a um banco, em Londres? Não é a minha área. Ryan bebe a última gota espumosa de champanhe e depois olha para mim com um ar conspirador.

— Já ouviu falar do que aconteceu aqui no verão?

Pausa. Esta é a única coisa que me impede de beber no Spinnaker todas as noites: o medo de me fazerem esta pergunta. O que é que respondo? *Ah, sim, eu estava lá e só piorei as coisas. Chame já a polícia.*

— Não. Alguma festa que... correu mal? — *Um bocadinho de nada, Han.*

Ryan abana a cabeça.

— Um amigo meu estava cá nessa noite. Ele disse-me que a festa foi de loucos. — Ryan fica levemente corado. — Havia raparigas, sabe. Nuas. E alguns dos boatos!

Há boatos? Para além do que eu sei? Boatos de quê?

Quero desesperadamente ouvir os boatos; e quero desesperadamente não os ouvir. E se me envolverem? Ou à Kat?

Não vou ouvi-los, seja como for. Ryan desconcentra-se com a excitação, como as pessoas fazem quando a coscuvilhice é boa.

— A coisa mais extraordinária é que, pelos vistos, há aqui uma mulher presa, por causa daquilo dos afogamentos. Ela ficou com medo da água. Imagine só. Ela não consegue sair da maldita ilha.

Abro a boca para falar, mas não faço ideia do que dizer.

Ryan não se importa. Continua, entusiasmado.

— É de doidos, não é? Mas há mais. A Melissa diz que há membros da gerência *mortinhos* por se livrarem da maluca e a despacharem daqui. *Querem livrar-se dela*. Mas claro que não podem, pois ela está aqui presa. Não consegue transpor a água! — Recosta-se, satisfeito, à espera da minha reação a esta história deliciosamente bizarra. Estou a tentar não tremer, a tentar não revelar nada, a tentar não ser obviamente a maluca. — Ah! — Ryan olha por cima do meu ombro. — Olá, querida.

Viro-me, escondendo a minha ansiedade feroz — ou pelo menos assim o espero. Uma mulher alta, loira e atraente, com um discreto colar de pérolas, entra no bar. Ryan levanta-se e dá-lhe um beijinho na bochecha.

— Querida, demoraste uma eternidade!

A mulher suspira e senta-se num banco.

— A *babysitter* telefonou. O Louis fez uma fita. Tive de lhe cantar uma canção.

Ryan ri-se, e olha alternadamente para a mulher e para mim.

— E então, Mel, estava aqui a contar a esta hóspede a história que me contaste sobre a maluca que aqui está presa.

O meu coração contrai-se. Consigo ver Melissa pelo canto do olho. Está a olhar para mim com atenção. Conheço aquele olhar, já o vi

várias vezes: significa que ela me conhece. Já me viu em fotografias, redes sociais, seja onde for. Ou já lhe disseram quem eu era: talvez o membro da gerência que, aparentemente, me detesta.

Ela sabe bem quem sou. Ryan continua a falar:

— Não é sinistro? A mulher não consegue sair, mas todos os outros conseguem e ela anda por aí...

Melissa dá um pontapé no banco do Ryan. A ponta do sapato caro atinge ruidosamente a perna metálica. Ele vira-se, confuso, enquanto Melissa inclina a cabeça, discretamente, mas não tão discretamente, na minha direção. Dizendo silenciosamente: *é ela, seu grande imbecil.*

O rubor de Ryan vai de rosa a escarlate. Melissa diz friamente:

— São quase 20 horas, Ryan. Não queremos chegar tarde ao restaurante. Eles têm ostras de Brancaster.

Ainda ruborizado, Ryan levanta-se e despede-se gaguejando, seguindo Melissa como um obediente cão de caça. Fico sozinha com o meu gin, a minha malagueta, as minhas bagas de zimbro e os meus pensamentos melancólicos.

*Mortinhos por se livrarem dela.*

## UM HOTEL DE LUXO LOTADO

Cercado pelo estuário de Blackwater, o hotel Stanhope ergue-se no centro de uma exuberante ilha remota. É chegada a grande noite de reabertura, e Hannah, a organizadora, tem o coração cheio ao ver todos os convidados.

## A CELEBRAÇÃO CONDUZ À TRAGÉDIA

Mas aquilo que deveria ser apenas uma festa animada rapidamente se descontrola quando vários convidados embriagados decidem entrar no mar, alheios às perigosas correntes que surgem durante a Hora da Morte.

Alguns nunca mais serão vistos.

## O MEDO TORNA-SE FOBIA

Atormentada pelo pavor da água, Hannah vê-se presa na ilha durante o inverno. Os rumores acerca daquela noite começam a surgir. Alguém sabe o que se passou realmente durante a Hora da Morte — e a segurança de Hannah está em risco...

«Esplendorosamente sombrio.»


*Spectator*

LEIA  
TAMBÉM:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Thriller

 penguinlivros.pt

  topseller.editora

ISBN 9789896235048



9 789896 235048 >